

APRESENTAÇÃO

APRESENTAÇÃO

Copyright © 2017
SBPjor / Associação
Brasileira de
Pesquisadores em
Jornalismo

CLÁUDIA LAGO E SONIA VIRGÍNIA MOREIRA

Diretoras

FÁBIO HENRIQUE PEREIRA

Editor-executivo

Neste número, a **Brazilian Journalism Research** se coloca mais uma vez como espaço de difusão de resultados originais de pesquisas empíricas, mas também de reflexão sobre os avanços teóricos dos estudos em jornalismo. Esta segunda dimensão fica bastante evidente nos artigos de abertura e fechamento da edição 1.2017: “Um Ser Profissional. Ou como Percebê-lo”, de autoria de Denis Ruellan, e “Adelmo Genro Filho e a Teoria do Jornalismo: 30 Anos de *O Segredo da Pirâmide*”, de Felipe Pontes. No primeiro caso, o autor lança um olhar reflexivo sobre os estudos que ele vem desenvolvendo desde o início dos anos 1990 sobre a identidade profissional do jornalista, coconstruída pelos discursos sobre o jornalismo, pelas relações de concorrência entre os grupos sociais que participam dessa atividade e pela forma como ela é subjetivada pelos indivíduos. Já Pontes discute as apropriações e evoluções da teoria do jornalismo proposta por Adelmo Genro Filho nos anos 1980 sob a luz do contexto socio-histórico de desenvolvimento desse campo de pesquisa no Brasil. Nos dois casos, há intenção de propor um debate em torno das modalidades de reflexão teórica do jornalismo enquanto objeto de estudo.

Pesquisas sobre os impactos da introdução das tecnologias digitais nas práticas jornalísticas também integram esta edição. Esse tipo de abordagem está presente no trabalho de Sarita Fernandes e Thais Jorge sobre as “Rotinas no Webjornalismo: Multitarefas e Pressão do Tempo sobre os Jornalistas de Internet” e de Ana Lúcia de Sousa, “Vídeo-Ativismo: Práticas Digitais para Narrar os Movimentos Sociais durante a Copa do Mundo da FIFA (2014)”. Em comum, os textos discutem as mudanças que incidem sobre o jornalismo brasileiro. O interessante é que, apesar do discurso de transformação que permeia essas pesquisas, velhos dilemas (objetividade versus ativismos; velocidade versus qualidade da apuração) marcam as reflexões propostas. Essas constatações sugerem a necessidade de avançarmos na construção de programas de pesquisa que discutam as modalidades de transformação do jornalismo enquanto prática sociodiscursiva e melhor situar os fenômenos emergentes do jornalismo.

A **BJR** ainda abre um espaço importante para os estudos sobre a narrativa jornalística. Assim, “Enquadrando Mandela: Uma Análise Comparativa (Inter)Nacional da Morte do Líder Icônico”, de Tania Rosas-Moreno e Samantha Joyce, compara os enquadramentos utilizados por dois jornais brasileiros (*O Globo* e *Folha de S.Paulo*) e dois sul-africanos (*The Star* e *Mail & Guardian*) na cobertura da morte de Nelson Mandela. Mateus Passos também escolhe uma temática internacional: a prática do jornalista-escritor Joseph Mitchell. Em “Olhares de Relance sobre a Nova York que Emerge do Silêncio: O Jornalismo Ensaístico-Memorial de Joseph Mitchell”, o autor analisa um conjunto de textos “tardios” da obra de Mitchell, com o objetivo de verificar em que medida essa produção poderia ser considerada “enquanto amostras de um gênero distinto que, embora mais distante da reportagem, ainda poderia ser classificado como jornalismo literário”. Já Alda da Costa, Evelyn de Aquino e Thaís Braga voltam seu interesse para uma temática regional e propõem uma análise dos debates que anteciparam o plebiscito em torno da criação dos estados de Carajás e Tapajós a partir da divisão do Pará. Apesar do foco regional, as conclusões de “Identidades Narrativas e o Plebiscito no Pará: Análise das Primeiras Páginas de *O Liberal* e *Diário do Pará*” podem muito bem ser aplicadas a outros contextos. De fato, as autoras mostram como a concentração do sistema midiático subnacional explica a construção de narrativas jornalísticas similares nos dois veículos analisados, que tendem a reproduzir os interesses políticos e as ideologias econômicas dos grupos de mídia que estruturam o debate público no Pará. Esta edição apresenta ainda um artigo de revisão de literatura, desta vez no campo do fotojornalismo. Julia Ramos e Beatriz Marocco, no texto, “Fotojornalismo: Diversidade de Conceitos, Uniformidade das Práticas” analisam os embates teóricos que perpassam as tentativas de definição do fotojornalismo e do trabalho do fotojornalista. O objetivo é “mapear a arena simbólica a partir da qual se desenrola a luta pela definição legítima do campo e de seus limites”.

O processo de seleção e de revisão desse conjunto de artigos é bastante ilustrativo dos desafios que se impõem ao processo de edição de uma revista científica internacional sobre jornalismo. Por um lado, é importante dar abertura à pluralidade de formas possíveis de se fazer pesquisa no campo, incluindo estudos empíricos e reflexões teóricas; trabalhos com abrangência transnacional, nacional e regional; metodologias de caráter mais sociológico, bibliográfico ou discursivo-antropológico. Por outro, é necessário manter um processo rigoroso de avaliação e de acompanhamento dos artigos, que reflita o status da **BJR** no meio acadêmico brasileiro e internacional. Seria presunçoso dizer que acertamos, mas a qualidade dos trabalhos publicados nesta edição mostra que estamos em um bom caminho.